

Terça-feira, 28 de Janeiro de 1958

RUBEM BRAGA

SONHOS

UMA revista francesa pergunta a alguns leitores — em que lugar do mundo você gostaria de encontrar por acaso a mulher amada?

Frívola pergunta; e chega a ser triste para quem, afinal de contas, não tem mulher amada nenhuma para encontrar em parte alguma.

Mas por que não confessar que essa pergunta me fêz sonhar? Para sonhar com método, comecei por imaginar a mulher amada; isto é fácil para qualquer homem em qualquer momento de sua vida. A mulher sonhada, na verdade, varia com os momentos, única vantagem, aliás, que leva sobre a amada real.

Sonhei-a. Fraca é a minha imaginação; não sei inventar nada, nem o enredo de um conto, nem o trecho de uma peça; se tivesse imaginação escreveria novelas e não crônicas de jornal. Assim, para falar verdade, a amada ideal saiu um pouco demasiado parecida com uma senhora ~~da~~ desta praça; só que, não sei porque, a coloquei dentro da moldura de um retrato inglês do século passado; um retrato que vi numa galeria em Washington; talvez de Hogarth, talvez de Reynolds, Sir Joshua Reynolds.

Washington, não. É linda, pelo menos no outono, e deve ser mais ainda na primavera; e me gostaria ir jantar com a minha amada na casa de Clarice e Maury, duas semanas depois do encontro; ficaríamos todos muito bons amigos. Ela e Clarice teriam segredos, sussurrariam coisas que eu e Maury jamais saberíamos. Mas Washington não tem pedestres, é uma cidade para carros e não para pessoas.

Penso em lugares onde andei, Paris, Capri; mas seria odioso lembrar de outras pessoas estando a seu lado. Penso em praias do Brasil, em pequenos lugares sonolentos de beira-rio no Brasil, com árvores imensas junto do remanso, e cigarras no fim da tarde...

New York; não a New York daquele hotel onde morei, trabalhei, conheci gente, tinha amigos e amigas, podia dar a quem chegasse um copo de uísque, aquele apartamento que acabou quase igual à minha água-furtada de solteirão em Ipanema, tanto é monótono o homem só. Mas o primeiro hotel onde me deixaram, enorme, feio, hostil, onde senti a delícia de não conhecer ninguém, ficar vagamente lendo uma revista no «lobby», vendo aquele incessante entrar e sair de gente estranha — de súbito, você!

Ah, talvez um dia chamássemos Dora Vasconcelos para um pequeno restaurante italiano, um dia de milagre em que ela não estivesse muito ocupada, e nós pudéssemos comer alguma coisa e ficar longamente entre o vinho e o queijo e a conversa amiga, como se Dora fôsse nossa linda madrinha. Mas andaríamos longamente pelos lugares mais plenos de gente, nossos corações pulsando de manso no seio da apressada multidão, espiando vitrinas, entrando aqui e ali, descobrindo pequenas coisas e pequenos seres amigos no tumulto da cidade hostil...

Uma revista francesa não me perguntou nada e eu estou sonhando a toa — e, o que é pior, sozinho.

M 607

revista